



GT – 15: Práticas culturais na produção da cidade

DISCUTINDO ANCESTRALIDADE E JUVENTUDES:

A ocupação dos centros históricos de Ouro Preto/MG e Mariana/MG pela juventude das batalhas de rap.

Crislaine Custódia Rosa
Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais
crislainecustodiarosa@gmail.com

Marcelo Henrique de Sá
Doutorando em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO:

Ouro Preto/MG e Mariana/ MG possuem sua arquitetura tombada e reconhecida por institutos de preservação do patrimônio material nacional e mundial. Assim como sua importância histórica para o estado de Minas Gerais no período colonial, essas cidades apresentam um lugar de vanguarda na produção cultural desde então. Desse modo, o presente trabalho busca discutir acerca de inquietações sobre o uso das cidades de Ouro Preto/MG e Mariana/MG pela juventude que produz as batalhas de rap na região central dessas cidades, entendendo essa juventude como representantes contemporâneos dessa vanguarda,.

Palavras-chave: Juventude – batalhas de rap – Ouro Preto – Mariana – Patrimônio Cultural.

1. INTRODUÇÃO

As cidades de Ouro Preto e Mariana situam-se na Região dos Inconfidentes no estado de Minas Gerais. Ambas contam com um imenso patrimônio material e imaterial protegidos em nível nacional e internacional. A marca histórica desses municípios no cenário nacional é protagonizada pela desobediência das camadas populares no período colonial de exploração da terra e do corpo.

A cidade de Ouro Preto/MG, antiga Vila Rica, e Mariana/ MG, antiga Vila de Nossa Senhora do Carmo de Albuquerque¹, teve grande destaque na economia durante o período colonial conhecido como Ciclo do Ouro. O tombamento de algum lugar ou algo tem como objetivo a preservação do bem, seja ele uma estrutura física, paisagem, objeto, paisagem ou saber. Nos casos de Ouro Preto e Mariana, seus centros históricos materializam as representações coloniais a partir de suas características arquitetônicas, artísticas e paisagísticas.

Os signos presentes na história patrimonial desses municípios sinalizam marcos arquitetônicos e fatos historiográficos que atendem aos interesses da elite eclesiástica, política e intelectual branca brasileira, fortemente representados pelos chafarizes adornados em cantaria, igrejas, casarões coloniais, arte barroca e o rococó (Viana, 2022).

A história é contada pelos vencedores, em diversos âmbitos do espaço e do tempo. Aqui, traremos a narrativa enfatizando como a juventude das batalhas de rap usando dos saberes ancestrais e dos espaços construídos por eles e ocupa-los com sua arte e vivência. Nas vivências das cidades históricas, a controvérsia se instala quando as camadas populares que se enxergam como a elite ouro-pretana e marianense se dividem para “manter as tradições” e a cultura da diáspora se faz livre na voz e nas rimas e se solidifica quando esses copos ocupam os locais onde em um passado não muito distante, seus algozes reinavam, mas que fora construído por mãos negras.

2. ANCESTRALIDADE E DIÁSPORA EM OURO PRETO/MG E MARIANA/ MG

Considerando os processos enfrentados pela população negra desde que chegaram ao Brasil para escravização e exploração de sua mão de obra, torna-se importante, antes de qualquer ponto ao tratarmos de práticas da negritude, entendermos como vive a diáspora em sua cultura e práticas na cidade.

¹ BARCELOS, Mariana. "Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo". In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: http://lhs.unb.br/atlas/Nossa_Senhora_do_Ribeir%C3%A3o_do_Carmo. Data de acesso: 15 de julho de 2024

Das respostas ao “Atlântico Negro” de Paul Gilroy (2001), trazemos as práticas culturais da população negra. Em seus estudos, Gilroy (2001, p.57) elabora que a formação cultural da negritude, em locais como Inglaterra e América Latina, que ultrapassa os limites geográficos.

Em oposição às abordagens nacionalistas ou tecnicamente absolutas, quero desenvolver uma sugestão de que historiadores culturais poderiam assumir o Atlântico como uma unanimidade de análise única e complexa em suas discussões do mundo moderno e utiliza-la para produzir uma perspectiva transnacional e intercultural [...]. A ideia do Atlântico Negro pode ser usada para mostrar que existem outras reivindicações a este legado que podem ser baseadas na estrutura da diáspora africana no hemisfério ocidental.

Essa perspectiva que Gilroy (2001) nos apresenta, torna possível assinalar exemplos de mudanças culturais como a “crioulização” e sincretismo, sendo possível percebê-lo em práticas religiosas no período colonial. Em que valida-se etnias e culturas da América Negra, assim como as revoluções emancipatórias da população negra na América colonial e no período pós colonização. A proposta de Gilroy (2001, p.161) é a seguinte:

Examinar o lugar da música no mundo do Atlântico Negro significa observar a autocompreensão articulada dos músicos que a tem produzido, o uso simbólico que lhe é dado por outros artistas e escritores negros e as relações sociais que tem produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música constitui um elemento central e mesmo fundamental. Desejo propor que o compartilhamento das formas culturais negras pós-escravidão seja abordado por meio de questões relacionadas que convergem na análise da música negra e das relações sociais que a sustentam.

A citação acima nos leva a pensar sobre a forma que a diáspora africana moderna ocidental se manifesta a partir de sua prática cultural e com o espaço em todas as escalas simbólicas ou materiais. Na percepção do pesquisador, usar a música de forma “não conceitual e não figurativa”, também possui um papel importante ao ser caracterizado com seus diferentes componentes estéticos na comunicação da negritude.

Gilroy (2001) destaca a negação da relevância da diáspora africana por parte dos intelectuais, e expressa como o racismo científico e a negação dessa contracultura. Prossegue afirmando que elas sucumbiram diante da força dos tambores que cruzaram o Atlântico, e assim, as expressões musicais são, para o pesquisador, um dos pontos de importância para os estudos negros da diáspora e da modernidade. O uso intelectual da música e subversão atual como uma expressão prática da política cultural, do auto-acolhimento e da produção na diáspora.

A palavra diáspora, dentre todas as suas definições, também pode significar a dispersão, a vontade de voltar ao paraíso prometido, ou às suas origens. Tendo sua origem na bíblia, a palavra foi utilizada também para dispersão dos povos judeus para o mundo, sendo posteriormente usada para definir a dispersão dos povos de África e sua descendência (SILVA, 2022). Trazemos então o contexto de diáspora associado ao conceito de ancestralidade, que pela oralidade e pelas práticas, mantêm vivos os saberes vindos do Atlântico.

As cidades de Ouro Preto e Mariana se destacaram durante o período aureo pela exploração mineral. Dessa forma, muitos africanos foram trazidos para o Brasil para essa extração, devido às suas técnicas de extração mineral. Desse modo, é importante destacar que essas cidades/ vilas foram construídas pela população negra trabalhadora e escravizada durante esse período de mineração entre os séculos XVII e XIX. Dentre os trabalhos dos escravizados, estavam a abertura de estradas, construção de pontes, igrejas e casas, além da exploração de ouro nas minas (Falcão *et. al*, 2023).

Dentre toda a história, há momentos que marcam a insubordinação e a resistência da população negra brasileira, assim a ancestralidade africana é facilmente nessas cidades seja a partir da religiosidade e de suas práticas, das atividades de lazer ou nas manifestações culturais praticadas pela população.

As manifestações religiosas, mais especificamente as irmandades religiosas negras exerceram um grande papel de manutenção da ancestralidade negra na diáspora desde o período colonial. Segundo matéria do Jornal Voz Ativa ², as manifestações religiosas partidas e lideradas pelas irmandades religiosas da cidade de Ouro Preto causavam tanto incomodo quanto euforia pelas ruas da cidade em dias de santos e de festas durante o período colonial. O relato do viajante inglês Johan Pohl, datada de 1821, relata sua impressão do acontecido em Vila Rica sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário feita pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Essa noite de tumulto alcançou proporções incríveis. Várias hordas de negros desfilavam por todas as ruas desde as onze até o alvorecer, acompanhados

² “Autonomia das Irmandades Religiosas em Minas no século XVIII”. *Jornal Voz Ativa*, 7 de março de 2024, <https://jornalvozativa.com/colunas/autonomia-irmandades-religiosas-minas-seculo-xviii/>.

pelo estrondo de tambores e os sons dos instrumentos descritos (flautas, parecidas às 'choromeleiras'). Sua gritaria e as contínuas descargas dos morteiros e fuzis aumentavam o ruído ensurdecedor. Em todas as casas haviam acendido fogueiras, cujas chamas ascendiam pelo ar (...) Mas algo mais tarde, quando se uniram aos negros hordas de mulatos e brancos, e se somaram à algazarra com seus gritos ;e o som dos instrumentos musicais europeus, tudo se fundiu em um caótico e indescritível pandemônio (Versiani, Carlos. 2024)

Levantamentos historiográficos como o citado acima, evidenciam a potencia das atividades e práticas da população negra desde o período colonial. Mantendo as práticas diaspóricas e a autonomia das raízes do Atlântico Negro, há movimentos que se mantêm ainda hoje, como o congado que têm influencia direta nas comunidades a partir da religiosidade. Para além das práticas religiosas a população negra se refaz, e assim fazem com que novas práticas marquem as cidades e fazem com que a ancestralidade permaneça vivas nessas práticas.

Nas cidades de Ouro Preto/MG e Mariana/MG, possuem diversos grupos juvenis que foram construídas recentemente, de certa forma, com o avanço do movimento Hip-hop no país grupos de breakdance, batalhas de rap e rima também chegaram a essas cidades um exemplo é o Conexão Hip-hop, um dos primeiros grupos de rap da cidade de Ouro Preto nascido em 1998 no bairro Piedade.

Um outro movimento da cidade que narra e evidencia a importancia das práticas culturais da população negra dessa cidade são tão importantes é o grupo A Rede Cultura de Rua, sendo este um coletivo que busca unir diversos grupos artísticos das periferias da cidade de Ouro Preto e do movimento hip-hop da cidade (Falcão *et. al.* 2023). Movimento de grande importancia que trazemos para investigação em trabalhos posteriores é a Batalha da Pracinha, realizada a priori na Pracinha do bairro Bauxita em Ouro Preto, mas que por estratégias e contornamentos está atualmente se territorializando na Biblioteca Pública Municipal.

Já na cidade de Mariana, destacamos em nosso trabalho a importancia de trabalhos associados ao Congado, que se destaca na religiosidade, mas também o grande alcance que tem o hiphop para a juventude na cidade a Batalha das Gerais, que surge no ano de 2014 que

trabalharemos posteriormente.

3. RELAÇÕES ANCESTRALIDADE E JUVENTUDE DO RAP

Por toda a história ancestral de Ouro Preto/MG e Mariana/ MG ligada à negritude e associada à mineração, é fato que o protagonismo negro tenha influenciado em grande parte a cultura material e imaterial das cidades que são semelhantes em suas raízes e práticas. Assim, destacamos os movimentos hip-hop que tem origem nesses municípios. Trazemos então dois movimentos para exemplificar a prática cultural na cidade, sendo essas a Batalha das Gerais, na cidade de Mariana/MG e a Batalha da Pracinha, em Ouro Preto/MG.

A Batalha das Gerais, formada por um coletivo de artistas e produtores culturais, tem seu início em 2015, como nos aponta a fala de Silva:

Nos primórdios da Batalha das Gerais, lá em 2015, na primeira tentativa despreziosa de realizar um evento, era nítido ver que naquela reunião de artistas, gente da universidade, povo jovem de Mariana – cansados de viverem a mesma monotonia de eventos e marasmo na cidade –, gente da periferia, gente dos bairros médios, estavam todos focados em fazer acontecer aquele movimento, em desfrutar da música e das rimas que a primeira batalha de rima da cidade estava nos propondo. Aquela reunião na Praça Minas Gerais era um ato político, jovens ocupando um espaço público por conta própria, para fazer cultura, é um ato político forte. Mas o que, ao meu ver, tomava conta daquelas quase cem pessoas, o que vinha à tona naquelas poucas horas de Batalha das Gerais, era a fome e a vontade de fazer hip-hop. Sem microfones, só com o poder da própria voz e uma caixa de som à bateria, na regência de Gustavo “Djonga” Marques como mestre de cerimônia. Assim nasceu a Batalha das Gerais. Como sujeito preto, periférico, criado na Pracinha (Santo Antônio) – bairro o qual vejo desde criança os diversos estigmas que já carregou e carrega até hoje –, saber o que é ocupar de fato um espaço e fazê-lo seu a partir do pertencimento foi algo que ampliou e mudou minha visão de mundo. Todo menor de quebrada, todo preto, todos nós, merecemos ter conhecimento de que podemos sim ocupar espaços e podemos sim fazer com que esses espaços nos representem, sejam nossa casa, nos pertençam. É isso que sinto quando vejo um movimento da periferia, marginalizado e mal falado por quem não sabe 1% da história e da ideologia, tomando para si um espaço que é classificado como público, mas foi criado para impor e representar um tal “poder” que nem liga pra nossa existência, e se dependesse deles nem lá a gente pisava. Uma batalha de rima em uma praça que tem como monumento símbolos com alusão a justiça e a coroa portuguesa em um pelourinho, que era usado para açoitar negros escravizados, vai muito além de apenas uma batalha de rima, essa manifestação se torna um grito, um ato político. Esse dia deu pra ver que passaram mais viaturas que o normal ali pela praça, mas foi esse o dia em que vários de amantes do hip-hop, vários que escutaram na quebrada Racionais narrar a verdade nua e crua, tipo “Fim de semana no parque”, sentiram que a praça era um pouco de cada um ali. Era nossa aquela praça, era do hip-hop (Silva, 2023, p.17).

É interessante notar nesse movimento que a ocupação da cidade se dá pela juventude do rap está bem ciente de seus objetivos. O histórico de luta desse coletivo, que vai completar 10 anos também reflete às práticas culturais diversas que perpassam todos os demais movimentos sociais.

E aí eu recorro ao primeiro momento da Batalha que acontecia na Praça MG. Uma pessoa negra, periférica que chega ali e vê o movimento que é da sua cultura, que foi construído pelo seu povo, acontecendo naquele espaço, aquele espaço já passa a ter um outro lugar de significado pra essa pessoa, você entende? Então nesse sentido, a Batalha das Gerais foi um movimento de pertencimento, em que a juventude negra, em que a juventude periférica estava no centro e se sentia parte daquele lugar, se sentia parte da construção daquilo, e para além de uma coisa que é subjetiva do sentimento é a questão da narrativa. (Silva, 2023, p. 34)

A Batalha das Gerais nasce na Praça Minas Gerais, onde há um Pelourinho usado no período colonial para penalização e agressão física pública aos escravizados que desobedeciam aos colonizadores. Ali na proximidade também se encontram duas Igrejas coloniais e a casa de Câmara e Cadeia. A ocupação deste local pela juventude negra e para a prática cultural negra é por si só um ato de revolução. Abaixo, foto de uma das batalhas em seu início:



Figura: Batalha das Gerais em 2015.
Fonte: Facebook

Infelizmente, Como nem tudo são flores, a batalha teve que mudar de local devido problemas com a comunidade local moradora da região, como aponta Silva:

Nesses nove anos de existência, e tendo ocupado por um período significativo o adro da Igreja de São Francisco de Assis, a Batalha das Gerais acabou sendo transferida para a Praça Gomes Freire, após alguns embates e percalços vividos em algumas edições realizadas na Praça Minas Gerais. No entanto, o caminho do movimento cultural em análise até passar a ocupar a praça foi longo, houve diversas edições da Batalha realizadas na Praça Minas Gerais, motivo pelo qual o movimento cultural de batalha de rimas de Mariana leva o nome que mantém até hoje. Tendo ocupado por pouco mais de um ano o espaço da Praça Minas Gerais, que em meio a alguns embates como o dos vizinhos do espaço reclamando com a Guarda Municipal do “barulho” supostamente causado pelo evento, a Batalha das Gerais passou a acontecer na Praça Gomes Freire, o Jardim, em fevereiro de 2017, nas sextas-feiras. É importante ressaltar que, muitas vezes, após os eventos da Batalha, na Praça Minas Gerais, nas quintas-feiras, aconteciam os “luais” realizados por estudantes da UFOP. Essas festas se estendiam pela madrugada, e de alguma forma isso fez com que o barulho e o lixo deixado no local fossem relacionados aos eventos da Batalha, que geralmente aconteciam no mesmo dia e se encerravam por volta das 22 horas. Em meio a esses embates, em uma determinada edição da Batalha das Gerais houve uma intervenção da Guarda Municipal, quando foi pedido que o evento fosse encerrado, pois havia diversas reclamações de incômodo quanto ao barulho, as quais já se mantinham recorrentes. Após toda uma conversa com um dos guardas municipais, a solução encontrada foi que o evento migrasse para o Jardim e aquela edição da Batalha terminasse lá. Após esses embates, o espaço da Praça Gomes Freire foi o que mais sediou edições do evento realizado pela Batalha das Gerais, intercalando entre o centro do jardim e o coreto. Sobre esse acontecido, lembro que era por volta das 21 horas e pouco, ainda não eram 22 horas, e esse era um dos argumentos usados para tentar fazer com que o evento continuasse. Outro argumento foi que sempre ao final dos eventos era pedido para que o lixo fosse recolhido e que a organização se mobilizava também para que esse lixo fosse recolhido. Em meio ao diálogo, um dos guardas municipal chegou a pontuar que, para que o evento continuasse acontecendo, seria mais interessante para nós fazê-lo no Jardim, pois aquele seria um espaço que ocuparíamos com mais facilidade (não me lembro exatamente como foi. Silva, 2023, p. 37)

Em sua fala é possível perceber diversas nuances. A primeira é a demarcação espacial dessa juventude pela busca de um espaço que seja seu e para sua arte. Sendo permanente o nome “Batalha das Gerais como parte da sua identidade e fiel a onde tudo começou. O que chama atenção também é o conhecimento e pertencimento à história do município. Os marcadores que atravessam suas vidas como cor, classe, gênero, origem territorial atravessam sua forma de viver o espaço e a experiência juvenil a partir da cultura.



Figura: Primeira batalha na Praça Minas Gerais

A negritude está presente na fala, na ideia de pertencimento e no reconhecimento deste. Corpos que questionam este imaginário social racista e de embate entre os incômodos e barulhos. Gilroy (2001, 200) fala que “o lugar preparado para a expressão cultural negra na hierarquia da criatividade gerada pelo pernicioso dualismo metafísico que identifica negros com o corpo e os brancos com a mente”. Para o pesquisador, a presença desse corpo negro atormenta e causa conflitos e estranhamento. Gilroy aponta que

a expressão corporal distintiva das populações pós-escravas foi resultado dessas brutais condições históricas. Embora mais usualmente cultivada pela análise dos esportes, do atletismo e da dança, ela deveria contribuir diretamente para o entendimento das tradições de performance que continuam a caracterizar a produção e a recepção da música da diáspora (Gilroy, 2001. p. 161).

Neste ponto de vista, ele passa a ter um valor cultural e de um ponto de vista geográfico o corpo atua como uma escala, sendo este produtor de relações sociais, dança e arte. A dominação dos corpos negros é histórica, assim como a repressão e a opressão desses corpos, estando em locais como Ouro Preto/MG e Mariana/MG, são ainda mais simbólicas, datando mais de 300 anos de opressão.

Em nossa pesquisa bibliográfica foi possível encontrar trabalhos significativos sobre a juventude que produz rap na cidade, ao contrário de Ouro Preto. O que nos estimula a querer saber mais desse movimento que é antigo e muito valorizado entre os moradores da cidade, como aponta Falcão (2023, *et. al.* p.86)

Todas as festas que por lá aconteciam eram organizadas pelos próprios moradores. Algumas iniciativas como a escola de samba, o grupo de *breakdance*, o grupo de Rap e as festas juninas poucas vezes conseguiram recursos pelas leis de incentivo ou mesmo por editais de fomento. Os organizadores das iniciativas que contatamos estavam bem desanimados pela forma que a cultura do bairro não era valorizada, pois percebiam, cada vez mais, que os recursos eram destinados para atividades que não os pertenciam e as práticas deles eram excluídas. Ao mesmo tempo sabiam da importância que suas ações tinham para a juventude do bairro.

Notadamente, a população ouro-pretana periférica é produtora de cultura e de atividades culturais ligadas à negritude. Porém, essa história é pouco citada em trabalhos ligados à universidade, por exemplo, tendo em vista que há campus da Universidade Federal de Ouro Preto nas duas cidades.

Assim, despertou um interesse em sabermos mais sobre a história da Batalha da Pracinha, que aconteceu em seu primórdio no bairro da Bauxita, mas que como forma de contornamento com barulho e demais problemas, passou a acontecer na Biblioteca Municipal da cidade de Ouro Preto, que está no centro histórico colonial e que é reconhecida regionalmente.



Foto: Batalha da Pracinha, 2017.
Fonte: Facebook

A Batalha da Pracinha, acontece de forma quinzenal, em primeiro momento, acontecendo apenas em sábados esporádicos a medida que foi crescendo e se solidificando. Assim como foi o caso da Batalha das Gerais, ela também precisou trocar de local. O que é um ponto para investigação em próximos trabalhos. Ponto que chama atenção em ambos os casos é a manutenção de sua marca territorial “batalha da pracinha” e “batalha das gerais”.

A presença desses jovens e sua resiliência em continuar questiona a hegemonia da produção do espaço e do uso do lugar. Sendo esses não reconhecedores desses jovens como sujeitos que possuem o direito à cidade tornando-se alvo de reclamações e com novas questões a se responder. Nesses casos, as verticalidades e horizontalidades se entrecruzam, ponto este que esses jovens aparecem como produtores também de novas territorialidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pontos de intersecção entre as juventudes dos dois municípios é possível compreendermos sua territorialidade como um movimento dinâmico do espaço, em que o corpo negro nos incita a pesquisar as territorialidades dos sujeitos produtores das batalhas de rap e como se dão as relações raciais na cidade de Ouro Preto/MG e Mariana/MG.

Esse trabalho nos chama atenção para a potência que está presente nessas práticas. Compreender essas territorialidades nos ajudará a observar de melhor forma a diáspora na contemporaneidade. Pela produção, troca, consumo de coisas essas territorialidades criam um sistema de relações. E é nessa vivência do território que o coletivo social carrega valores mantenedores dessas relações. Assim, os processos territoriais se dão de forma fluida e dinâmica mas também contraditória, podendo em cidades que partiram do mesmo ponto se igualarem em alguns pontos e se distanciarem em outros.

E é nesse sentido que a interação sujeito e espaço merece ser observada, sendo importante trabalhar o material e o imaterial, assimilando as juventudes e o espaço em sua dimensão simbólica e material.

5. REFERÊNCIAS

BRUSADIN, Leandro Benedini. História, Turismo e Patrimônio Cultural: o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social. Curitiba: Editora Prisma, 2015.

COSTA, Lucas Henrique Amaral. O rap como agente de transformação social: uma análise de sua influência na sociedade brasileira. 2023. 50 f. Monografia (Graduação em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

CORAÇÃO, C. R.; CARNEIRO, F. D. B. **De quem é a Praça Gomes Freire?:** As disputas simbólicas no espaço Jardim e as representações da imprensa de Mariana-MG. Logos, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 70-85, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/35877>. Acesso em: 24 de maio, 2022.

FALCÃO, D., & da SILVA Fernandes, J. (2024). O LAZER COMO PROTAGONISTA DE RESISTÊNCIA E LUTA. *Revista Brasileira De Estudos Do Lazer*, 10(03), 78–97. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/47721>.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes. **Centro de Estudos Afro-Asiáticos**, 2001.

JÚNIOR, S. S. A construção social da cidade de Ouro Preto a partir da relação entre patrimônio cultural, identidade, memória, turismo e religião. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures; OLIVEIRA, Luciene Monteiro (Org.). Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais: Ouro Preto. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p. 73 – 92.

LIMA, Alessandra Rodrigues. Patrimônio Cultural Afro-brasileiro: Narrativas produzidas pelo IPHAN a partir da ação patrimonial. 2012. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Disserta%2B%C2%BA%2B%C3%BAo%20Alessandra%20Rodrigues%20Lima.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2021.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de. A cultura afro-brasileira como patrimônio Cultural: reflexões preliminares. In: XV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 15., 2019, Salvador. Anais Eletrônicos. Salvador: ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2019. P. 1 – 15. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111688.pdf>. Acessado em: 7 dez. 2020.

PEREIRA, Sabrina Mikaelle. Trajados das Gerais. 2023. 33 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

SILVA, Kamila Dinucci Correia. **Black soul black, black sou: o corpo e a corporeidade negra no Movimento Black Rio**. Dissertação em História. Universidade Federal do Mato Grosso 2022.

SILVA, Fernando Alberto. Batalha das Gerais: a importância e o direito à ocupação dos espaços sociais em Mariana. 2023. 59 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

SOUSA, Ana Clara Fonseca de. Guzzi, Giovanna. A batalha das minas. 2016. 48 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016.

VERSIANI, Carlos. “Autonomia das Irmandades Religiosas em Minas no século XVIII”. *Jornal Voz Ativa*, 7 de março de 2024, <https://jornalvozativa.com/colunas/autonomia-irmandades-religiosas-minas-seculo-xviii/>.

VIANA, Luiz Cláudio Alves. O turismo étnico afro na Mina Du Veloso: um estudo do equipamento interpretativo do patrimônio de Ouro Preto/MG. 2022. 175f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

WERKEMA, Mauro. Ouro Preto na História: protagonismos, revisões. Ouro Preto, MG. Livraria & Editora Graphar, 2018.

Queen, T. (2018). HIP HOP FORA DO ARMÁRIO: QUANDO A CULTURA HIP HOP DERRUBA BARREIRAS DA SOCIEDADE RETRÓGRADA. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 10(Ed. Especi), 461–471. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/549>

OLIVEIRA, Denilson Araújo. Gestão racista e necropolítica do espaço urbano: apontamento teórico e político sobre o genocídio da juventude negra na cidade do Rio de Janeiro. **Nova Iguaçu. Anais do Copene Sudeste**, 2015.

OLIVEIRA, Lucas; MORAIS, Natália. Proposta de revitalização da rua Sapucaí, em BH, é aberta para consulta pública. **O TEMPO**. 24 de dezembro de 2022, <http://www.otempo.com.br/cidades/proposta-de-revitalizacao-da-rua-sapuca-i-em-bh-e-aberta-para-consulta-publica-1.2788395>. Acesso em 15 de julho de 2023.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. **Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda**, 2003

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. Os jovens entre o morro e a rua: reflexões a partir do baile funk. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Rio de Janeiro: cultura, política e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor**, 2007. p. 30-58.

PICININI, Cristiane. Ensaio sobre a forma revolucionária da música funk. **Revista DIAPHONÍA**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 189–193, 2017. DOI: 10.48075/rd.v3i1.17212. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/17212>. Acesso em: 25 out. 2021.

QUIJANO, Aníbal. 2010. Colonialidade do poder e classificação social. In: B.S. Santos e M. Meneses (eds.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez.

RAFFESTIN, Claude. O que é o território. _____. **Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática**, p. 143-158, 1993.

RATTS, Alecsandro. Etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 17/18. p. 77-89. jan-dez de 2004.

_____. **Fronteiras invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará. 1996**. Dissertação (mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROSA, Crislaine Custódia. O funk na construção de identidade da juventude periférica: uma discussão a partir do funk mineiro. Anais do **XIV ENANPEGE...** Campina Grande: Realize Editora, 2021.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade** - O local e o global nas relações raciais, culturas e identidades negras do Brasil. Tradução Vera Ribeiro. Salvador/ Rio de Janeiro. Edufba; Pallas, 2003. 335p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

_____. As exclusões da globalização: Pobres e negros. In: Ferreira, A. M. (org.) **Na Própria Pele: Os Negros no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Corag, 2000, p. 09-21.

_____. Ser negro no Brasil hoje. In: O país distorcido. **São Paulo: Publifolha**, 2002.

_____. O retorno do território. En: **OSAL: Observatorio Social de América Latina**.